

COOPERATIVISMO CAMPONÊS NO NORDESTE PARAENSE

PEASANT COOPERATIVISM IN NORTHEASTERN PARÁ

Recebido em: 11/01/2025

Aceito em: 14/05/2025

Publicado em: 09/07/2025

Eduardo Justino Santana¹ 
Universidade Federal do Pará

Isaleimi Quiguapumbo Valencia² 
Universidade Federal do Pará

Zefanias Samuel Fazenda³ 
Universidade Federal do Pará

Matheus Luan Nascimento Melo⁴ 
Universidade Federal do Pará

Maura Cardoso de Sousa⁵ 
Universidade Federal do Pará

Resumo: O cooperativismo tem-se apresentado como importante na construção de alternativas para a comercialização dos produtos oriundos das unidades familiares camponesas no nordeste paraense. Assim, este artigo tem como objetivo reunir informações sobre o cooperativismo construído pela agricultura familiar (camponesa) no Nordeste Paraense (NEP) e listar as cooperativas criadas nessa região. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, coletando dados provenientes de teses, dissertações, artigos e documentos, cujo foco foi o cooperativismo camponês no Nordeste Paraense. As palavras-chave utilizadas foram: “cooperativismo”, “Nordeste Paraense”, “cooperativas” e “economia solidária”, combinadas ou utilizadas de forma isolada. Identificou-se 197 cooperativas na região nordeste do Pará, dentre elas, 54 estão localizadas na microrregião do Guamá, 20 na Bragantina, 75 na Cametá, 28 no Salgado e 20 na microrregião de Tomé-Açu.

Palavras-chave: Cooperativas; Agriculturas familiares; Campesinato; Ação coletiva.

Abstract: Cooperatives have played an important role in building alternatives for marketing products from peasant family units in northeastern Pará. The aim of this article is to gather information on the cooperativism built up by family (peasant) farming in the Northeast of Pará (NEP) and to list the cooperatives created in this region. We used bibliographical research as our methodology, collecting data from theses, dissertations, articles and

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável; Instituição: Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares/Universidade Federal do Pará. E-mail: eduardosantanak9@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido; Instituição: Universidade Federal do Pará. Belém –Pará, Brasil. E-mail: isaleimi@unicauca.edu.com

³ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido; Instituição: Universidade Federal do Pará. Belém –Pará, Brasil. E-mail: zefaniasfazenda@gmail.com

⁴ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido; Instituição: Universidade Federal do Pará. Brasil, Pará e Bragança. E-mail: nascimentomatheusluan@gmail.com

⁵ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável e Gestão de Empreend. Agroalimentares; Instituição: Instituto Federal do Pará - Campus Castanhal, IFPA, Brasil. E-mail: mauracardoso123@gmail.com

documents focusing on peasant cooperativism in the Northeast of Pará. The keywords used were: “cooperativism”, “Northeast Pará”, “cooperatives” and “solidarity economy”, combined or used in isolation. 197 cooperatives were identified in the northeast of Pará, of which 54 are located in the Guamá micro-region, 20 in Bragantina, 75 in Cametá, 28 in Salgado and 20 in the Tomé-Açu micro-region.

Keywords: cooperatives; family farming; peasantry; collective action.

INTRODUÇÃO

As cooperativas camponesas concebem um processo social, cultural e político dos trabalhadores rurais, configurando-se como um instrumento de resistência às regras do capital (Silva, 2012). No contexto da economia de mercado, o cooperativismo camponês se destaca como um mecanismo social que protege a economia local, organiza a produção e facilita a comercialização dos produtos (Chayanov, 1991). Embora o processo cooperativo possa gerar pequenos lucros, seu principal objetivo vai além da melhoria das condições econômicas. Ele busca melhorar a qualidade de vida dos seus membros, abrangendo dimensões culturais, políticas e ambientais, fortalecendo, assim, a autonomia e o bem-estar coletivo.

O cooperativismo dá origem às cooperativas, modelos organizacionais baseados em sociedades democráticas. Essas cooperativas são formadas com o propósito de alcançar objetivos específicos, com a participação ativa de todos os membros na tomada de decisões e na busca por metas comuns (Scopinho, 2007). Seu funcionamento é coletivo, e os integrantes — majoritariamente camponeses — compartilham recursos, conhecimentos e benefícios, ao mesmo tempo que dividem responsabilidades.

A aplicação do cooperativismo representa uma evolução na forma como a sociedade se organiza para satisfazer as necessidades, contribuindo para a redução do tempo de produção, o aumento da mão de obra (Christoffoli, 2019), e a divisão dos benefícios e responsabilidades. Por meio do cooperativismo, forma-se uma força de trabalho coletiva que intensifica o contato social, superando o trabalho individual. O cooperativismo pode ser entendido como um conjunto de ações coletivas — pessoas organizadas e mobilizadas para alcançar objetivos comuns, como bem descrito por Tilly (1981). Além disso, ao promover a união voluntária e se estruturar por meio de cooperativas, o cooperativismo fortalece as relações sociais, econômicas e ambientais entre seus membros, incentivando economias solidárias no campo.

Segundo Rios e Carvalho (2007, p. 6), “a organização social de produtores rurais é, e sempre foi apoiada como um instrumento de empoderamento e emancipação social. Nessa perspectiva, as cooperativas sempre desempenharam um papel de destaque”.

De acordo com Singer (2002), o cooperativismo emerge em um contexto conflituoso de camponeses e artesãos — convertidos em proletários — contra os industriais. Esses conflitos

resultaram na busca por soluções para o empobrecimento dos trabalhadores e para o aumento da produção nas indústrias europeias dos séculos que sucederam a Primeira Revolução Industrial. Contribuições de pensadores e industriais como Robert Owen, Charles Fourier e Saint-Simon foram fundamentais para a construção de uma economia cooperativa. Trabalhadores passaram a se organizar em cooperativas, competindo diretamente com seus empregadores (Namorado, 2007; Santos, 2003; Singer, 2003). Essas iniciativas contribuíram significativamente para a consolidação de economias solidárias, que hoje se manifestam em diversas partes do mundo.

No entanto, o cooperativismo, como ação coletiva, é uma ferramenta universal, adotada por diferentes sociedades em distintos períodos históricos. No contexto brasileiro, as primeiras experiências relatadas de coletivismo de produção datam desde a época da colônia e império com os povos indígenas que tradicionalmente desenvolviam uma agricultura rudimentar de subsistência comunal centrada na caça, pesca, coleta de frutos (Christoffoli, 2019). Vale ressaltar que, até hoje, algumas etnias indígenas mantêm esse sistema de organização social.

O cooperativismo, no meio rural, está profundamente enraizado na história do Brasil. Durante o período colonial, quilombolas e indígenas promoviam práticas como mutirões, trocas de dias de trabalho e roças comunitárias, que desempenharam um papel fundamental na formação do campesinato brasileiro (Christoffoli, 2019). Essa herança persiste nas unidades familiares, transmitidas ao longo de gerações, em que os camponeses reconhecem a necessidade de organizar-se coletivamente para enfrentar os desafios impostos pela vida rural (Silva, 2012).

O cooperativismo camponês tem um caminho longo de lutas constantes contra dinâmicas políticas e econômicas adversas. Em regiões com forte tradição agrícola camponesa, como o Nordeste e o Sul do Brasil, os agricultores historicamente se encontraram em uma posição de subordinação, estabelecendo relações de dependência com as elites locais e regionais. No Nordeste, essa dependência se manifestava principalmente pela influência da oligarquia fundiária, enquanto no Sul era reforçada pelo poder de políticos e comerciantes (Sabourin, 2009).

De acordo com Christoffoli (2019), um dos aspectos essenciais para o desenvolvimento histórico do cooperativismo no Brasil foi a existência das terras comunitárias, surgidas durante o processo de formação do país. Essas terras resultaram de uma colonização inicial pouco estruturada e das práticas tradicionais dos povos indígenas, que preservavam áreas de terra sob um regime de propriedade coletiva, sem divisão privada, permitindo que todas as famílias tivessem acesso e pudessem usufruir dela. A tenência da terra é um elemento essencial para o

cooperativismo camponês, pois, sem ela, não há espaço para o cultivo de alimentos. A falta de acesso a terra compromete a segurança, a produtividade e a sustentabilidade das famílias rurais, tornando inviável sua autonomia.

No entanto, segundo Chiarello (2018), citando Rios (1989), o cooperativismo⁶ brasileiro surgiu promovido pelas elites nacionais, de cima para baixo. A partir da criação das primeiras cooperativas, especialmente no Sul do Brasil, o cooperativismo começou a despertar o interesse do governo, durante o período do Estado Novo (1937-1949), quando foi incorporado à pauta política nacional voltada para a agricultura (Chiariello, 2006).

Embora o cooperativismo tenha suas raízes no setor empresarial, movimentos sociais contrários ao modelo agroexportador defenderam uma vertente voltada para os camponeses (Silva, 2012).

O modelo agroexportador tinha apoio do Estado e do capital agrário, tal arranjo gera conflitos tanto diretos como indiretos entre os camponeses e as empresas do agronegócio. Enquanto estas se dedicam à monocultura voltada para a exportação, os camponeses priorizam a produção de alimentos para consumo interno. No entanto, as ações das empresas têm sistematicamente dificultado o acesso dos camponeses aos mercados, comprometendo a comercialização de seus produtos.

Com todas as dificuldades enfrentadas pelos camponeses, tenta-se resgatar formas de organizações coletivas como o cooperativismo. É um modelo indispensável para promover mudanças sociais significativas. Além disso, o cooperativismo tem desempenhado um papel crucial na facilitação da comercialização e na distribuição do excedente produzido, fortalecendo as dinâmicas econômicas e sociais das comunidades rurais. O cooperativismo camponês atua como uma ferramenta política, jurídica e representativa que proporciona benefícios aos agricultores, além de facilitar a criação de vínculos e da interação com instituições públicas e privadas no Brasil (Silva, 2012).

Neste texto, focaremos no cooperativismo construído a partir de experiências de camponeses, aqui chamadas de cooperativas da agricultura familiar na região Nordeste Paraense (NEP). Este Cooperativismo no NEP vem desenvolvendo-se em duas perspectivas, uma empresarial/industrial que visa principalmente à comercialização e às relações econômicas e outro popular/solidário que possibilita reflexões sobre a emancipação política dos sujeitos (Rocha, Assis, Sablayrolles 2023). No entanto, essas duas perspectivas não acontecem de

⁶ Aqui entende-se cooperativismo com uma instituição formal com CNPJ e responsabilidades jurídicas, o que acontece pela necessidade de comercialização.

maneira isolada, as cooperativas transitam entre essas correntes, ora apresentando aspectos de um cooperativismo solidário, ora suas ações as direcionam ao cooperativismo empresarial (Santana, 2023).

O cooperativismo camponês tem apresentado um crescimento significativo na região de estudo, concentrando um número expressivo de cooperativas, especialmente em áreas mais próximas a cidades maiores, como Abaetetuba e Cametá. Esse avanço está relacionado à implementação de políticas públicas como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e ao PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) (Rocha, 2020), além da ampliação do acesso ao crédito e a outras iniciativas governamentais.

Com base nesse cenário, este artigo tem como objetivo reunir informações sobre o cooperativismo construído pela agricultura familiar (camponesa) no Nordeste Paraense (NEP) e listar as cooperativas criadas nessa região. Para alcançar esse objetivo, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, coletando dados provenientes de teses, dissertações, artigos e documentos cujo foco foi o cooperativismo camponês no Nordeste Paraense. As palavras-chave utilizadas foram: “cooperativismo”, “Nordeste Paraense”, “cooperativas” e “economia solidária”, combinadas ou utilizadas de forma isolada. Além das fontes acadêmicas, consultamos sites de prefeituras, páginas oficiais de cooperativas (inclusive em redes sociais), bem como os portais da Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) e da Federação das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (FECAFES) para a elaboração da lista de cooperativas da região. A análise foi enriquecida com observações empíricas do primeiro autor, que desenvolveu sua dissertação de mestrado discutindo o papel do cooperativismo como espaço de emancipação feminina, tomando como estudo de caso a Cooperativa D’Irituia, localizada na microrregião Nordeste Paraense (NEP).

Este artigo está estruturado para facilitar a compreensão das mobilizações, que culminaram na consolidação do cooperativismo no NEP. E foi organizado em duas seções principais: Cooperativismo camponês no Nordeste Paraense e As cooperativas do Nordeste Paraense: quantas e quais são? Nesse contexto, as cooperativas foram classificadas de acordo com os sujeitos que compõem a identidade da agricultura familiar, com base nas atividades realizadas por cada uma. Seguindo Wanderley (2023), entendemos a agricultura familiar como uma categoria ampla, que abrange cooperativas indígenas, ribeirinhas, quilombolas e outros povos tradicionais.

COOPERATIVISMO CAMPONÊS NO NORDESTE PARAENSE: UMA BREVE REFLEXÃO

A origem do cooperativismo no Pará não se diferenciou significativamente do que ocorreu no restante do Brasil. Não foi fruto de um movimento espontâneo das camadas populares, mas sim, resultado de uma imposição das classes dominantes. Em vez de representar uma conquista social promovida pela base, consolidou-se como uma estratégia de controle social e de intervenção estatal. Não houve a criação de um modelo associativo próprio, o que aconteceu foi a adaptação de um formato importado, ajustado aos interesses das elites políticas e agrárias (Rios, 1989).

Entre as décadas de 1940 e 1950, o Serviço de Assistência ao Cooperativismo (SAC) implementou ações no estado do Pará com o objetivo de disseminar as ideias relativas aos sistemas coletivos. Essas ações priorizavam metodologias educativas voltadas para a formação de camponeses, incentivando a adesão ao cooperativismo como estratégia para promover melhorias nas condições de vida no campo (Felix, 2023). Na década de 1970, o cooperativismo no Pará ganhou impulso com a implementação de dois projetos importantes: o Projeto de Desenvolvimento do Cooperativismo no Pará (PRODECO-PA), de 1970, e o Plano Integrado de Cooperativismo do Estado do Pará (PICEP), de 1975. Essas iniciativas representaram as primeiras ações coordenadas pelo Estado para fortalecer o cooperativismo na região. O PRODECO-PA, sob a coordenação da antiga Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), contava com uma equipe técnica interdisciplinar e visava a utilizar o cooperativismo como ferramenta de desenvolvimento para os agricultores da Amazônia. O PICEP, coordenado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), compartilhava os mesmos objetivos do projeto anterior (Rocha, 2023).

De acordo com Silva e Silva (2023), esses projetos tinham como propósito a difusão do conhecimento sobre cooperativismo, oferecendo assistência técnica, formação administrativa, normatização, fiscalização e outras atividades relacionadas à organização de empreendimentos cooperativos.

Entretanto, conforme apontado por Reis (2002), as políticas públicas brasileiras voltadas ao fomento do cooperativismo frequentemente desconsideraram as especificidades locais. Essas iniciativas, concebidas de maneira centralizada, apresentavam limitações que dificultaram a implementação efetiva em regiões com dinâmicas peculiares, como a Amazônia. Esse desafio é evidenciado no fragmento do documento orientador do PRODECO-PA:

Visando corrigir os erros das experiências anteriores, o objetivo principal deste projeto é colocar pessoal capacitado na direção de nossas cooperativas. A sua capacitação representa somente uma etapa, a meta final, será a atuação efetiva desses elementos. O projeto de assistência técnica deverá ser voltado totalmente para esse fim, sendo programado para ensinar técnicas administrativas, contábeis e habilidades específicas, com a inclusão de um sistema prático adaptado a realidade para medir e avaliar os resultados conseguidos. SUDAM – Projeto de Desenvolvimento do Cooperativismo no Estado do Pará – PRODECO (Citado por Reis, 2002, p. 52).

A autora considera que estes projetos foram pensados de maneira autoritária, além disso, suas avaliações isentavam o Estado de suas responsabilidades e culpavam os agricultores cooperados pelo fracasso das cooperativas.

Durante a implementação desses projetos, as cooperativas receberam financiamentos do Banco da Amazônia S/A (BASA), o que resultou em um expressivo aumento no número de cooperados. No entanto, a falta de atenção às especificidades locais, por parte dos projetos, levou ao endividamento dos cooperados, gerando descrença nas organizações cooperativas (Reis, 2002).

Esse período, marcado pelo autoritarismo do regime militar, restringiu significativamente a autonomia dos agricultores sobre seus projetos e sobre suas formas de organização. As atividades das cooperativas passaram a ser monitoradas pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), evidenciando o controle estatal sobre o cooperativismo.

Apesar de diversas iniciativas do Estado brasileiro terem incentivado o cooperativismo no nordeste paraense, essas ações, em vez de fortalecerem as cooperativas, contribuíram para o seu enfraquecimento e para a desarticulação dos agricultores.

No período pós-ditadura militar, as políticas voltadas para a agricultura familiar e para o cooperativismo mantiveram práticas pouco alinhadas com as realidades locais. A extensão rural continuou difundindo conhecimentos de forma generalizada, desconsiderando as especificidades regionais. Entretanto, com a Constituição de 1988, os agricultores ganharam mais espaços para discutir e decidir coletivamente os rumos de suas organizações.

Na década de 1990, com o apoio da Igreja Católica e de ONGs, iniciou-se um movimento de reflexão em torno do "cooperativismo alternativo". Esse modelo incentivava os agricultores familiares a debaterem suas realidades e a tomarem decisões mais conscientes sobre suas organizações cooperativas (Reis, 2002).

Na pesquisa realizada por Rocha (2020), intitulada Trajetórias e concepções do cooperativismo camponês no nordeste paraense, o autor considera que ocorreu um crescimento significativo no número de cooperativas no nordeste paraense e na região metropolitana. Ele apresenta dados que associam esse crescimento a políticas públicas de

comercializações institucionais, tais como: o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) entre outras políticas de acesso a créditos que são facilitadas quando os agricultores estão organizados como pessoa jurídica.

Silva e Schultz (2017, p. 2), apontam que:

Recentemente, a criação de políticas públicas de apoio à comercialização foi responsável por estimular a criação de cooperativas, associações, consórcios, redes e outros arranjos organizativos da ação coletiva que refletem a diversidade encontrada no campo da agricultura familiar. Tais empreendimento apesar de terem ganhado novo impulso a partir do estímulo das políticas, trazem consigo os desafios inerentes ao processo de mercantilização da agricultura familiar, sobretudo no campo da gestão, o que dificulta seu próprio acesso aos programas governamentais, pois estes, ainda que pretendam ser específicos para a realidade dos agricultores familiares, tendem a seguir a lógica dominante do mercado.

As observações dos autores são pertinentes e facilmente constatadas nas cooperativas do nordeste paraense. A experiência adquirida por meio de observações empíricas, conversas com lideranças e com participação em espaços de discussão sobre o cooperativismo na região tem contribuído para uma compreensão mais ampla da realidade local. Muitas cooperativas são criadas com o objetivo principal de acessar mercados específicos, porém sem a devida formação ou entendimento organizacional necessário para garantir sua sustentabilidade. Essa fragilidade pode levar os agricultores a descreditarem nesse tipo de organização.

Embora atividades coletivas simples, como trocas de serviços, mutirões e outras práticas tradicionais sejam intrínsecas à vida camponesa, ações coletivas mais complexas, como associações e cooperativas, frequentemente enfrentam desafios. Esses desafios decorrem, em grande parte, da dependência de infraestruturas e conhecimentos que não são comuns na vida no campo. Conforme destacado por Schmitz e Farias (2021), em seu estudo sobre a ação coletiva de agricultores familiares no oeste do Pará, a ausência de suporte adequado compromete o funcionamento dessas organizações.

Como mencionado anteriormente, há duas correntes principais de cooperativas que se desenvolvem no nordeste paraense. De um lado, as cooperativas voltadas para o mercado geralmente estão vinculadas à Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Por outro lado, a União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável (UNICAFES) reúne cooperativas que seguem uma abordagem mais alinhada ao cooperativismo solidário. No entanto,

A Unicafes, no Pará, encontra-se sem uma representação oficial. Em entrevista com G.S.J. (53 anos), que está liderando o processo de rearticulação da entidade no estado,

o mesmo relatou que a entidade iniciou no Pará em 2007, dois anos após ter sido fundada nacionalmente, “teve o auge em 2012, mas faltou compreensão e praticamente não existe mais. Não teve base social pra se consolidar” (G.S.J., 53 anos, Unicafe, entrevista concedida em jan. 2020). Desde agosto de 2019, tem acontecido o Programa de Educação do Cooperativismo Solidário (PECSOL), com a participação de cooperativas antigas da Unicafe, como as de Igarapé-Miri, de Cametá, de Abaetetuba, de Salvaterra e, a mais recente, de Bujaru. “A perspectiva é a retomada a Unicafe em 2020” (G.S.J., 53 anos, Unicafe, entrevista concedida em jan. 2020) (Rocha, 2002, p. 50).

De acordo com Souza (2011), a UNICAFES funciona como uma rede que articula cooperativas da agricultura familiar orientadas por uma perspectiva solidária. Essa estrutura busca garantir maior autonomia às cooperativas e a seus cooperados, oferecendo suporte na gestão e promovendo a comercialização de forma intercooperativa.

As iniciativas do Estado, embora com resultados limitados, possibilitaram a formação de cooperativas camponesas no nordeste paraense. Essas organizações, mesmo criadas com auxílio estatal, têm contribuído para a redução das desigualdades geradas pelo sistema capitalista, permitindo que camponeses e camponesas se organizem em coletivos e desenvolvam formas de atuação política.

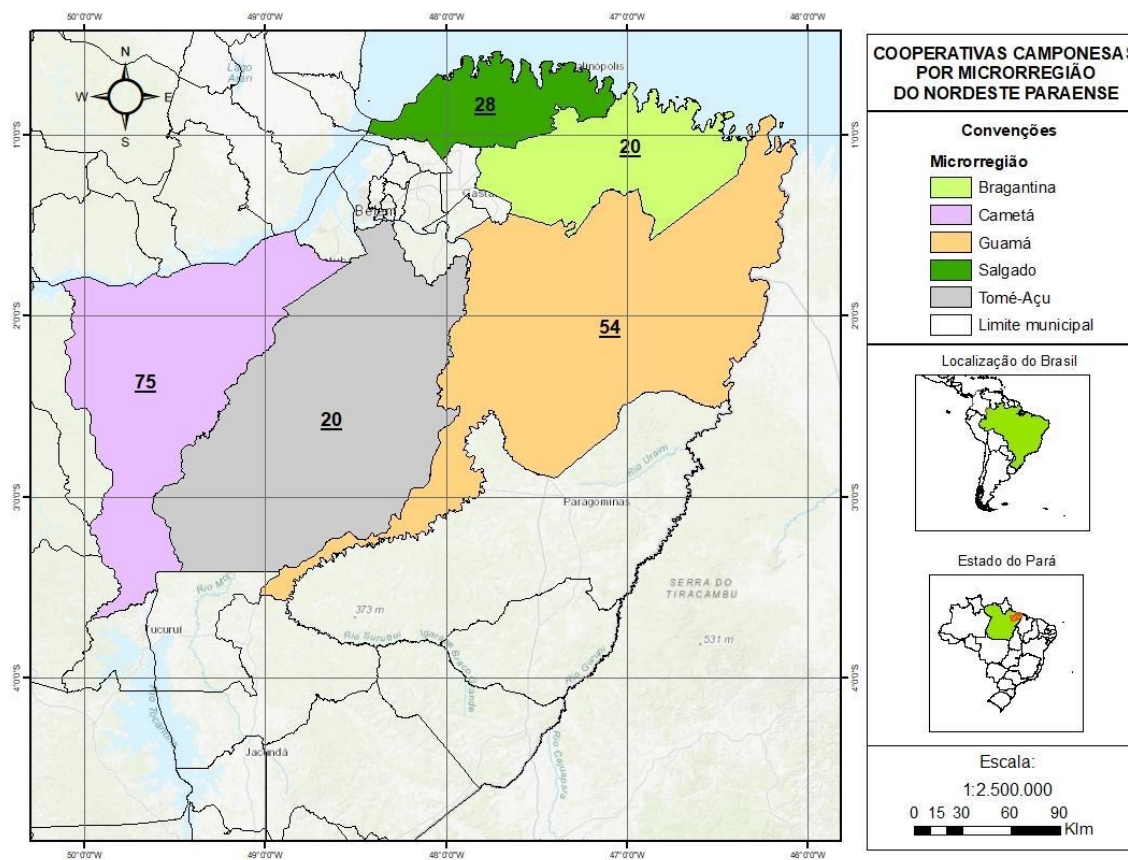
Dessa forma, o próximo tópico aborda a quantidade e as características das cooperativas que, de alguma maneira, continuam operando na região nordeste do Pará.

AS COOPERATIVAS DO NORDESTE PARAENSE: QUANTAS E QUAIS SÃO?

No levantamento realizado nesta pesquisa, identificaram-se 197 cooperativas na região nordeste do Pará. Dentre elas, 54 estão localizadas na microrregião do Guamá, 20 na Bragantina, 75 em Cametá, 28 no Salgado e 20 na microrregião de Tomé-Açu, conforme representado na Tabela 1. Essas cooperativas foram organizadas na Tabela 2, com informações sobre seus nomes, siglas e respectivos municípios.

A microrregião de Cametá destacou-se como a que concentra o maior número de cooperativas, sendo as cidades de Cametá e Abaetetuba os principais polos. Cametá reúne 26 cooperativas, enquanto Abaetetuba conta com 19, ambas organizadas majoritariamente por camponeses. As cooperativas estão distribuídas tanto nas sedes dos municípios quanto nas áreas rurais, mostrando uma presença significativa em diferentes territórios.

Imagem 1 – Mapa com o número de cooperativas camponesas por microrregião do nordeste paraense, 2023.



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

O crescimento do número de cooperativas no NEP, embora revestido de várias contradições, pode possibilitar a redução dos desequilíbrios sociais que são ocasionados pelo capitalismo, como percebem Pinho (1982), Cenzi (2011) Demo (2002). Além de colaborarem para a emancipação dos sujeitos que as constituem, possibilita ocuparem espaços de poder tanto local como nacionalmente (Santana, 2021).

Tabela 1 - Relação das Cooperativas camponesas das Microrregiões do Nordeste Paraense, Pará, 2023.

Microrregião Guamá		
Município	Cooperativa	Sigla da cooperativa
Aurora do Pará	Cooperativa dos Agricultores Familiares da Comunidade do Sítio Verde	Coopverde
	Cooperativa de Produção, do Comércio e Serviços dos Quilombolas Produtores Rurais da Amazônia Legal	DL Amazon
	Cooperativa da Agricultura Familiar de Aurora do Para	Cooaf Aurora
	Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar de Aurora do Para	Coopaurora
	Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar do Nordeste Paraense	Coopfam
Ipixuna do Pará	Cooperativa de Integração Agroindustrial dos Agricultores Familiares do Território do Nordeste Paraense	Coopiaf
	Cooperativa Enalco de Agricultores Familiares e Agroindustriais	Coopagro
	Cooperativa de Desenvolvimento Agroindustrial de Ipixuna do Para	Coodaip
Irituia	Cooperativa Agropecuária dos Produtores Familiares Irituienses	D'irituia
	Coop. Agrícola, Pecuária e Extrativista do Município de Irituia	Coapimi
	Cooperativa dos Produtores e Extrativistas Sustentáveis do Brasil	Coopes
	Cooperativa Mista dos Peq. Prod. Rurais dos Proj. Exe. Descentra	Coopedirituia
Mãe do Rio	Cooperativa Mista de Agricultores e Agricultoras Familiar Sustentável Joao Ismael	Cooperativa Joao Ismael
	Cooperativa Mista da Agricultura Familiar - Coop-Agro	Coop-Agro
	Cooperativa de Produção e comercialização dos Agricultores Familiares	Cooprocofam
Ourém	Cooperativa Mista Agropecuária do Alto Guamá	Comag
Santa Luzia do Pará	Cooperativa Mista dos Agricultores e Agricultoras Familiares entre os Rios Caeté e Gurupi	Coomar
São Domingos do Capim	Cooperativa Agroextrativista Capimense	Coopac
	Cooperativa Agro Pastoral Campinense São Sebastião	Capacss

São Miguel do Guamá	Cooperativa dos Agricultores Familiares Guamaenses	Coafag
	Cooperativa Agro Familiar Industrial Guamaense	Coafi - G
	Cooperativa Quilombola Nordeste Paraense da Agricultura Familiar e Agroecologia	Coqnopafa
	Cooperativa de Produção dos Agricultores Familiares do Município de São Miguel do Guama	Coopasmig
Viseu	Cooperativa Amazônia Agroindustrial Viseu Para	Coopaviseu
Microrregião Bragantina		
Augusto Corrêa	Cooperativa dos Produtores de Pescados do Litoral Leste	Cooppell
	Cooperativa de Pesca, Agricultura e Industria de Aturiai	Coopeagria
Bragança	Cooperativa Agropecuária da Amazônia Bragantina	Cooamabra
	Cooperativa Mista de Pesca e Aquicultura da Região do Salgado	Coompescar
	Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares e Extrativistas dos Caetés	Coomac
Capanema	Cooperativa Mista dos Peq. Prod .Rurais São Francisco	Cooperativa
	Cooperativa de Trabalho de Agricultores Familiares de Capanema	Cooaf Capanema
	Cooperativa Mista dos Agricultores de Capanema LTDA	---
	Cooperativa da Agricultura Familiar Integrada de Capanema	Coopafi
Igarapé-Açu	Cooperativa Mista Agrop e de Pesca Vibra Joao Xxiii Ltd	Coopervibra Joao Xxiii
Nova Timboteua	Cooperativa Agrop dos Mini Prod Rurais de N Timboteua	Coopermini
Peixe Boi	Cooperativa dos Pescadores, Aquicultores e Produtores Rurais do Município de Peixe Boi	Coopesaq
Primavera	Cooperativa dos Agricultores Familiares do Município de Primavera	COPRIMA
Quatipurú	Cooperativa dos Produtores Rurais da Comunidade Cumaru e Região	Cooperc
Tracuateua	Cooperativa Agropecuária de Tracuateua	Coopat
	Cooperativa Agropecuária de Tracuateua	Coat
Microrregião Cametá		
	Cooperativa Mista De Abaetetuba	Abaetecoop

Abaetetuba	Cooperativa Dos Trabalhadores Extrativista Da Zona Rural De Abaetetuba	Cooprativizatuba
	Cooperativa Mista Dos Pequenos Produtores Rurais Dos Projetos De Execução Descentralizada De Abaetetuba	Coopedabaetetuba
	Cooperativa Dos Produtores Do Rio Jupariquara	Coopjup
	Cooperativa De Produtores Agroextrativistas Do Marajo E Tocantins	
	Cooperativa De Produtores E Manejo De Frutiferos E Animais De Abaetetuba E Região -	Coomafra
	Cooperativa Agrícola De Acai Abaetetuba	-----
	Cooperativa Dos Produtores E Produtoras Rurais Solidários De Tauera De Beja	Coopestab
	Cooperativa Dos Produtores De Acai Jupariquara	Coopjup
	Cooperativa Da Produção Agroextrativista Familiar De Abaetetuba, Moju, Acara, Barcarena E Igarape-Miri	Coopamabi
	Cooperativa Mista Dos Pequenos Produtores Agropecuários De Abaetetuba E Do Baixo Tocantins	Compabat
Baião	Cooperativa Dos Produtores Da Região De Abaetetuba	Coprea
	Cooperativa De Produtores Agroextrativistas Do Marajó E Tocantins	Coopamat
	Cooperativa Dos Trabalhadores Extrativistas Das Ilhas De Abaetetuba	Cooteiba
	Cooperativa Dos Fruticultores De Abaetetuba	Cofruta
	Cooperativa Dos Produtores De Açaí Da Região De Abaetetuba	Cooperab
	Cooperativa Dos Produtores Agroextrativistas Arte E Sabor Ribeirinho No Município De Abaetetuba	Cooperte
	Cooperativa Dos Agricultores De Açaí Quiandubense	Coopaqui
	Cooperativa Dos Produtores Do Agronegócio De Abaetetuba E Região	Coopagro - O Açaí E Nosso
	Cooperativa Dos Pescadores Agricultores Familiares Quilombolas Baioneses	Coopermis
	Cooperativa Mista Dos Pequenos Produtores Rurais Dos Projeto	Coopedbaiao
	Cooperativa Mista Agropecuária De Baiao LTDA	Coapebal
	Cooperativa De Agroindustrial E Extrativista Das Mulheres Do Município De Cametá	Coopamuc

Cametá	Cooperativa de Empreendimentos Autogestora	Coopac
	Cooperativa dos Agricultores e Aquicultores de Torres do Cupijó	Coopaate
	Cooperativa dos Produtores do Baixo Tocantins	Cooprubat
	Cooperativa Agrícola Resistência do Tocantins	Cart
	Cooperativa Agroextrativista e Industrial dos Agricultores de Cametá	CAFAC
	Cooperativa Regional do Baixo Tocantins	Coorbato
	Cooperativa dos Agricultores e Produtores de Açaí de Cametá	Coopapac
	Cooperativa dos Produtores de Açaí de Mendarucu	Coopacu
	Cooperativa Agroextrativista dos Produtores Familiares de Cametá	Coopacam
	Cooperativa Agroindustrial e Extrativista das Mulheres do Município de Cametá	Pousada Miriti
	Cooperativa Agroindustrial de Açaí e Polpas do Baixo Tocantins	Coopaapbt
	Cooperativa Mista Agrícola de Cametá	Comac
	Cooperativa Agroextrativista e Industrial dos Agricultores Familiares de Cametá	Cafac
	Cooperativa dos Agricultores e Produtores de Açaí de Cametá	Coopapac
	Cooperativa dos Agricultores e Aquicultores de Torres do Cupijó	Coopaate
	Cooperativa Agroecológica Agroindustrial da Amazônia	Naturagro
	Cooperativa Mista e Agroindústria do Território Rural do Baixo Tocantins Vitoria Regia	Coopmat
	Cooperativa Açaí Floresta	Coopaf
	Cooperativa Agroindustrial da Ilha Patrimônio do Baixo Tocantins	Coopaipbat
	Cooperativa Agroindustrial da Amazônia	Coopaam
	Cooperativa dos Produtores Agrícolas de Cametá	Coopacam
	Cooperativa dos Produtores e Agricultores Rurais de Cametá e Região	Coopacre
	Cooperativa Agroindustrial dos Extrativistas, Agricultores Familiares, Pequenos Produtores Rurais, Ribeirinhos, Quilombolas e Povos Tradicionais	Perola Da Amazonia

	Cooperativa Agroindustrial de Ribeirinhos das Ilhas Jaituba e Pacajai de Cametá	Coopajapa
	Cooperativa dos Produtores Extrativistas do Para	Coopexp
Igarapé-Miri	Cooperativa de Agricultores Familiares de Igarapé-Miri	Copafim
	Cooperativa Agrícola dos Empreendedores Populares de Igarapé-Miri	COEPIM
	Cooperativa de Agricultores Familiares Agroextrativista e Pescadores do Município de Igarapé-Miri	Coafap
	Cooperativa de Agricultores e Agricultoras Familiares de Camiri e Igarapezinho no Município de Igarapé-Miri	Cafaci
	Cooperativa dos Produtores e Agricultores do Rio Itamimbuca	Itamimbucoop
	Cooperativa Agroindustrial de Trabalhadores e Produtores Rurais de Igarapé-Miri	Coopfrut
	Cooperativa Agrícola dos Produtores Rurais de Igarapé-Miri	Coaprim
	Cooperativa Agrícola Maru-Verissimo	Coopamave
	Cooperativa de Produção e Serviços Alimentícios Na Economia Popular e Solidaria Mirense	Coopseam
	Cooperativa Agrícola Nova Vida de Igarapé-Miri	Coopanvidi.
	Cooperativa dos Pescadores e Agricultores Ribeirinhos do Rio Caji	Cooparca
	Cooperativa Agroextrativista do Meruu	Coopraem
	Cooperativa dos Produtores e Agricultores da Colônia do Cameri	Camericoop
	Cooperativa de Produção e Consumo dos Beneficiadores de Acai de Igarapé-Miri	Coopbai
	Cooperativa Agrícola de Igarapé MiriClique para copiar	Caim
Limoeiro do Ajuru	Cooperativa dos Produtores de Fruta da Vila Maiauata	Coopfruma
	Cooperativa de Agricultores Familiar de Igarapé Miri e do Assentamento Agroextrativista Estadual do Camiri	Copafim
	Cooperativa Cooper Pesca Açaí	Cooper Pesca Açaí
	Cooperativa Mista dos Pescadores e Agricultores de Limoeiro do Ajuru	Coompala
	Cooperativa de Produtores Agroextrativistas do Rio Japiim Grande e Adjacências	Coopacai
	Cooperativa Agrícola Alternativa de Mocajuba	Coagrim

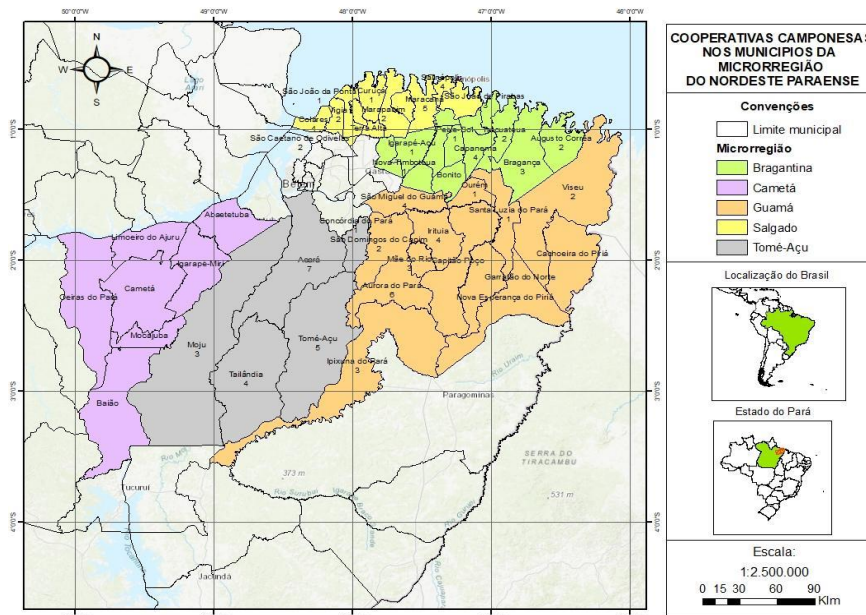
Mocajuba	Cooperativa Agroindustrial Nova Aliança de Mocajuba	Aliancacoop
	Cooperativa Mista dos Agricultores de Mocajuba LTDA	Cooamo
	Cooperativa de Frutos do Baixo Tocantins	Coofbat
	Cooperativa Agroindustrial Encantos Agro	Coopeagro
Oeiras do Para	Cooperativa Agroindustrial dos Trabalhadores Rurais de Oeiras do Para	Ctrabop
	Cooperativa Mista Agroextrativista da Resex Arioca Pruana	Coomap
Microrregião Salgado		
Colares	Cooperativa Mista de Pescadores, Artesoes e Agricultores do Município de Colares	Compescame
	Cooperativa Agro-Extrativista de Colares	Cooaec
	Cooperativa Mista Agroaquícola de Curuca	Coomac
	Cooperativa Mista dos Agricultores de Colares	Coopmacol
Curuçá	Cooperativa Agroindustrial da Agricultura Familiar de Acaputeua Curuca	Coopac
Magalhães Barata	Cooperativa Agroindustrial de Cafezal	Coopcaf
	Cooperativa de Agricultores do Município de Magalhaes Barata	Coammb
	Cooperativa Mista da Amazônia	Coomizon
	Cooperativa Agropecuaria Mista de Maracana	Copam
Maracanã	Cooperativa de Agricultores e Agricultoras Familiares de Maracanã	Cafam
	Cooperativa Agrícola Regional Mista de Maracana	—
	Cooperativa de Agricultores, Pescadores e Piscicultores de Maracana	Coopescam
	Cooperativa Mista Agroindustrial dos Agricultores Familiares da Região da Água Doce do Município de Marapanim	Coomfarem
Marapanim	Cooperativa Agropecuaria Mista de Marapanim	Coopamim
	Cooperativa dos Produtores de Salinópolis	Cooprosal
	Cooperativa Agroindustrial de Salinópolis	Copas
	Cooperativa de Produtores da Agricultura Familiar de Salinopolis Coprosal	Coprosal
Salinópolis	Cooperativa de Aquicultores e Agricultores Rede Nossa Perola	Rede Nossa Perola
	Cooperativa Mista dos Trabalhadores rurais Odivelenses LTDA	Coomivel

São Caetano De Odivelas	Cooperativa Agroindustrial Mista dos Agricultores, Pescadores e Pecuáristas	Cooamapo
São João Da Ponta	Cooperativa Mista de São Joao da Ponta	Cooponta
São Joao De Pirabas	Cooperativa Solidaria dos Produtores e Produtoras Rurais do Município de São Joao de Pirabas	Coopsp
	Cooperativa de Pesca Mista Pirabas LTDA	Coopibas
	Cooperativa dos Agricultores e Apicultores do Nordeste Paraense	Agromel
Terra Alta	Cooperativa de Agricultores Familiares de Terra Alta	Coafta
Concórdia Do Pará	Cooperativa Agrícola de Concórdia do Para	Cooacp
Vigia	Cooperativa Mista de Pesca, Piscicultura Aquicultura e Agricultura da Vigia	Compepavi
	Cooperativa Agropecuária do Salgado Paraense	Casp
Microrregião Tomé-Açu		
Acará	Cooperativa de Trabalhadores Rurais do Acara	Cooptra
	Cooperativa Agropecuaria dos Agricultores Familiares da Comunidade Boa Esperanca	Coopabe
	Cooperativa Agrícola Mista do Acara	Amaico
	Cooperativa de Agricultores e Agroextrativista do Baixo Amazonas, Vale do Acara, Nordeste Paraense e Região Guajarina	Coopervale
	Cooperativa de Produção e comercialização da Agricultura Familiar do Baixo Tocantins Para	Coopbat
	Cooperativa Agropecuária dos Produtores Rurais de Acara	Coopara
	Cooperativa da Agricultura Familiar de Boa Esperança Baixo Acara- Para	Coopaf
Concórdia Do Pará	Cooperativa Agrícola de Concordia do Para	Cooacp
Moju	Cooperativa Agrop Mista de Moju Limitada	Capemm
	Cooperativa de Cacau Selvagem e Fino Aroma do Baixo Rio	Cooperativa De Cacau Selvagem e Fino Aroma Do Baixo Rio
	Cooperativa Agrícola Mixta do Olho D'água	Camada
Tailândia	Cooperativa Agro-Vegetal dos Produtores Rurais de Tailândia	Cooavetai
	Cooperativa dos Agricultores da Região de Tailândia	Cart
	Cooperativa Agropecuária de Tailândia	Coagrotai
	Cooperativa de Produção Agrícola Mista Com Extração de Produtos Vegetais	Coopex

Tomé-Açu	Cooperativa de Desenvolvimento Sustentável dos Tenetehar e Quilombolas do Vale do Acara	Coop-Etno
	Cooperativa dos Dendeicultores da Agricultura Familiar de Tome-Açu e Região	Coodaftar
	Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu	Camta
	Cooperativa da Agricultura Familiar do Município de Tome-Açu	Coopafamta
	Cooperativa Mista Agricultores da Agricultura Familiar Miritipitanga de Tome-Açu e Região	Coopafamita

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Imagem 2 - Mapa de localização das cooperativas camponesas nos municípios do nordeste paraense, Pará, 2023.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Para Rios e Carvalho (2007, p.7):

Pode-se dizer que **a associação, voltada para o segmento de produção é um estágio embrionário de uma cooperativa**, por partir de pressupostos comuns – a cooperação – e consequentemente com objetivos fins também partilhados – melhoria das condições de vida do homem através da valorização do trabalho em detrimento do capital – a diferença é a atuação mais complexa da cooperativa em relação à associação, tanto no que tange a questões jurídicas, quanto aos aspectos de processos administrativos/ industriais e mercadológicos. (Grifo nosso).

Assim, para o autor é importante que os agricultores tenham a experiência de se organizarem primeiramente em associações e só depois passarem para organizações mais complexas como as cooperativas. O que não ocorre com a grande maioria das cooperativas descritas na lista, as cooperativas são criadas visando à eliminação de atravessadores e a buscar

acesso ao mercado. Por este motivo, muitas vezes não são precedidas por associações, no entanto os agricultores desenvolvem outras ações coletivas mais simples.

Para além das dificuldades na gestão das cooperativas, Maneschky e Klov Dahl, (2007) descrevem que tanto as associações quanto as cooperativas têm crescido na Amazônia Oriental e que as desigualdades sociais são os principais desafios enfrentados por essas organizações. Schmitz et al., (2007, p. 1) descrevem que “um dos maiores desafios que os agricultores familiares enfrentam é dinamizar a produção, o beneficiamento e a comercialização de forma associativa.”

Nesse contexto, os camponeses enfrentam distintas dificuldades em suas organizações, o que os leva muitas vezes a terem dificuldades de organização a longo prazo, principalmente em cooperativas. Além dos camponeses terem “lembranças das cooperativas, geralmente associadas a interesses políticos, a sistemas de gestão propícios ao desvio de fundos e cujo controle, quase sempre, lhes escapou” (Sabourin, 2006, p. 261).

Friedberg (1995, p. 385) descreve que:

[...] a estrutura formal de uma organização (suas regras, sua racionalidade, seus objetivos) pode e deve ser entendida como uma resposta aos problemas colocados pela gestão do controle hierárquico, do poder e da dependência. Em resumo, em lugar de considerar as estruturas e os fins de uma organização como a expressão de uma racionalidade exterior e superior aos processos organizacionais, esses autores (e muitos outros depois deles) colocam-nos no mesmo plano, isto é, entram com eles no jogo, considerando-os um produto desses processos. Os propósitos organizacionais passam de uma variável exógena a uma variável endógena e, por conseguinte, confrontam-se com os mesmos limites da racionalidade que caracterizam o comportamento humano em geral.

Assim, para entender as estruturas organizativas dessas cooperativas é que seja realizado um estudo com base na sua história e na gestão realizada pela administração de cada cooperativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe um número significativo de trabalhos produzidos a respeito do cooperativismo no Pará, especificamente, no nordeste paraense. O Estado brasileiro tem proporcionado a construção de cooperativas através de políticas públicas, no entanto foram projetos pesados de cima para baixo, sem levar em consideração as especificidades das regiões. Neste sentido, as cooperativas do Pará não se beneficiaram de forma efetiva com essas políticas.

Após a constituição de 1988, as cooperativas passaram a ter mais autonomia e escolher sobre o futuro de suas organizações e projetos.

É possível observar que existem duas correntes cooperativas acontecendo no NEP, o cooperativismo solidário e o cooperativismo de mercado. As cooperativas transitam entre essas duas correntes, no entanto, por mais que a cooperativa esteja voltada para um cooperativismo de mercado, a organização cooperativa ainda possibilita reduções das desigualdades sociais do campo, além de contribuir para a emancipação desses sujeitos.

Existem, atualmente, 197 cooperativas no nordeste paraense e essas têm aumentado em resposta a políticas de comercialização institucional de alimentos, como o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar). Mesmo com esse crescimento no número de cooperativas na região, ainda é recorrente observar a impressão negativa que os camponeses possuem sobre a organização cooperativa.

REFERÊNCIAS

CENZI, Neri Luiz. **Cooperativismo: desde as origens ao Projeto de Lei de Reforma do Sistema Cooperativo Brasileiro**. Curitiba: Juruá, 2011.

CHAYANOV, Aleksandr. **The theory of peasant co-operatives**. Trad. David Wedgwood Benn. London; New York: I.B. Tauris; Columbus: Ohio State University Press, 1991.

CHIARIELLO, Caio Luis. **Análise da gestão de cooperativas rurais tradicionais e populares: estudo de caso na COCAMAR e COPAVI**. 165 f. (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3580?show=full>. Acesso em: dez. 2023. Acesso em: 20 dez. 2023.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. Elementos introdutórios para uma história do cooperativismo e associativismo rurais no Brasil. **Questão agrária, cooperação e agroecologia**, v. 1, p. 169-88, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281842243_Elementos_introdutorios_para_uma_historia_do_cooperativismo_e_associativismo_rurais_no_Brasil. Acesso em: 20 dez. 2023.

SILVA, Camila Marques Viana da; SCHULTZ, Glauco. Acesso a mercados e gestão de cooperativas da agricultura familiar no Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 44, p. 23-40, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n44/a17v38n44p23.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SILVA, Jhonny Santos da. Agricultura familiar camponesa e cooperativismo no Maranhão. **Revista IDEAS**, v. 6, n. 1, p. 50-82, 2012. Disponível em: <https://revistaideas.ufrj.br/ojs/index.php/ideas/article/view/80>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SILVA, Raimundo Nonato Santos da; SILVA, Daniel Nogueira. Os Limites e Possibilidades do Cooperativismo em Assentamentos da Reforma Agrária na Região de Carajás (PA). In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR. 2023, Belém. **Trabalho completos [...]**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2023.

DEMO, Pedro. **Solidariedade como efeito de poder**. São Paulo: Cortez, 2002.

FELIX, Renan Brígido Nascimento. POR UM COOPERATIVISMO VITORIOSO NA AMAZÔNIA: as estratégias e as ações do Cooperativista Bruno de Menezes (1940–1955). **Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História**, v. 20, n. 35, p. 214-241, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367449018_POR_UM_COOPERATIVISMO_VITORIOSO_NA_AMAZONIA_as_estrategias_e_as_acoes_do_Cooperativista_Bruno_de_Menezes_1940_-_1955. Acesso em: 16 set. 2023.

FRIEDBERG, Erhard. Organização. In: BOUDON, Raymond. (Dir.). **Tratado de sociologia**. Trad. Curvelo, Tânia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 375-412.

MANESCHY, Maria Cristina, KLOVDAHL, Aldeon. Redes de associações de grupos camponeses na Amazônia Oriental (Brasil): fontes de capital social? **REDES – Revista hispana para el análisis de redes Sociales**, v. 12, n. 4, jun., 2007. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Redes/article/view/70393>. Acesso em: 18 ago. 2023.

PINHO, Diva Benevides. **O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro**. São Paulo: CNPQ, 1982.

REIS, Maria de Nazaré Ferreira. **Dinâmicas do cooperativismo alternativo na Bragantina estado do Pará: agricultores no caminho da participação e da gestão**. 223 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) - Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

RIOS, Gilvando Sá Leitão. **O que é Cooperativismo**. São Paulo, Brasiliense, 1989.

RIOS, Gilvandro Sá Leitão; CARVALHO, Daniela Moreira de. Associação de agricultores familiares como estruturas de ensaio pré-cooperativas. In: II Encontro de Rede de Estudos Rurais, 2, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2007.

ROCHA, André Carlos de Oliveira. **Trajetórias e concepções do cooperativismo camponês no nordeste paraense**. 116 f. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) - Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/14488>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SABOURIN, Eric. Economia solidária no meio rural brasileiro: uma análise a partir da noção de reciprocidade. In: Congresso Latinoamericano de Sociología Rural, 9, Quito. **Anais [...]**. Asociación Latinoamericana de Sociología Rural (ALASRU), 2006. Disponível em: https://publications.cirad.fr/une_notice.php?dk=540619. Acesso em: 4 ago. 2023.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

SANTANA, Eduardo Justino. “Eu não me baixo, eu não entrego os pontos, eu saio, eu vou à luta”: processos de emancipação de mulheres rurais da cooperativa D’Irituia, Pará. 89 f. (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) - Instituto

Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

SCHMITZ, Heribert.; MOTA, Dalva Maria da.; PRADO, Edy Silva de Azevedo Carvalho. Ação coletiva com fins econômicos: reflexões teóricas a partir de dois estudos de caso no espaço rural. *In: Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção*, 7. Fortaleza. **Anais [...]**. SBSP, 2007. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/409291/1/74.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2023.

SCHMITZ, Heribert; FARIAS, Elielson Soares. Cooperação e persistência: um estudo da ação coletiva de agricultores familiares no Oeste do Pará, Amazônia. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 26, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/15016>. Acesso em: 18 jul. 2023.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Sobre cooperação e cooperativas em assentamentos rurais. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 84-94, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/mwtBrsJ79cHt5s93TGrLY3S/?format=pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. *In: Santos, B. S. (org.). Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002. p. 81-129.

SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. *In: Singer, Paul; Souza, André Ricardo de (Orgs.). A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 7-28.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, Michele Lima de. **Cooperativa agrícola resistência do Tocantins - CART**: alternativa de organização sócio-produtiva do pequeno produtor rural em Cametá/Pará. 165 f. Dissertação (Mestrado Serviço Social) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Belém, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4346>. Acesso em: 18 maio 2023.

TILLY, Charles. Introduction. *In: TILLY, A. Louise; TILLY, Charles. (ed.). Class conflict and collective action*. London: Sage Publishers, 1981. p. 13-25.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos sociedade e agricultura**, 2003. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/238>. Acesso em: 12 maio 2023.